

Silêncios aninhados sob o Dossel: Geopoética como inspiração para as instalações artísticas em trilhas

Lilaz Beatriz Monteiro Santos¹, Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano²

¹ Programa de Pós-graduação em Ecoturismo e Conservação – PPGEC / UNIRIO ² Laboratório de Tafonomia e Paleoecologia Aplicadas / LABTAPHO, Departamento de Ciências Naturais, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Apresentação

Silêncios aninhados é uma das 13 instalações artísticas que compõem a obra de Arte TEIA DOSSEL, dispostas ao longo de 1,5 km da trilha Geopoética DOSSEL - Despertando Olhares Sensíveis, Sustentáveis e Lúdicos – elaborada como um convite para estender nossos corpos a novos ou antigos espaços que nos afetam (SANTOS; PONCIANO, 2020). Esta perspectiva está de acordo com a Geopoética em sua linha mais abrangente, a desenvolvida por Kenneth White, fundador do Instituto Internacional de Geopoética (WHITE, 1998). Segundo o autor, a geopoética pode ser entendida como uma tessitura poética combinando vários domínios do conhecimento de forma a colocar o planeta Terra no centro da experiência. Desta forma a Geopoética não está apenas associada com as representações literárias das paisagens naturais e culturais (forma em que aparece em trabalhos associados com a Geografia e Literatura), incluindo as diversas formas de relação dos seres humanos com o planeta Terra (PONCIANO et al., 2017).

No entanto, comumente nossos sentidos e percepção do entorno estão circunscritos a estímulos bem conhecidos, limitando a nossa experimentação do mundo. A espontaneidade, assim como a investigação da natureza e a horizontalidade dos saberes são pilares para a eclosão desta experiência com os demais elementos que compõem o ambiente. Para tal, um roteiro foi desenvolvido potencializando múltiplos meios para afetar os diversos tipos de visitantes (SANTOS; PONCIANO, 2020).

Esta nova proposta de visitação foi desenvolvida considerando as particularidades da Área de Proteção Ambiental do Morro do Cachambi (APAMC) em Jardim Sulacap (zona oeste do Rio de Janeiro) durante o primeiro semestre de 2018, tendo recebido visitantes regularmente durante o segundo semestre de 2018 e todo o ano de 2019 (com a visitação tendo sido interrompida por causa da pandemia de Covid-19), mas as propostas criadas e explicadas a seguir podem ser adaptadas para outros locais e tipos de Unidades de Conservação.

A visitação completa tem duração de 4 horas e ocorre em três etapas: a primeira, abertura, despertando a consciência corporal e da coabitação dos seres; a segunda é o trilhar do território, trilhando o nosso próprio corpo, e a terceira consiste na projeção das raízes, provocando o pertencimento mútuo entre os seres que compõem o ambiente da APA MC (SANTOS; PONCIANO, 2020).

As instalações iniciam com formatos mais tradicionais e discretos, instigando aos poucos a curiosidade dos visitantes, pela estranheza de encontrá-las no meio de uma trilha. Com os olhares mais atentos, as instalações se aprofundam cada vez mais nas questões históricas, interferências antropológicas positivas e negativas, considerando a constituição biótica e abiótica de cada trecho deste mosaico reflorestado. No meio da trilha o local das instalações se torna menos evidente, e apenas quem procura com mais atenção consegue encontrá-las.

Na porção mais degradada, a falta do dossel é bruscamente percebida e o diálogo se volta para os

Correspondente:
lilaz.santos@edu.unirio.br

Citação: Santos LBM, Ponciano LCMO (2021) Silêncios aninhados sob o Dossel: Geopoética como inspiração para as instalações artísticas em trilhas. *Ecoturismo & Conservação* 2(1) p. 199-205.

Recebido: 7 de setembro, 2021
Aceito: 13 outubro, 2021
Publicado: 27 dezembro, 2021

Copyright: © 2021 Santos & Ponciano

fatores de degradação e a ausência da fauna, problematizando as florestas vazias (REDFORD, 1992). Dentre os fatores de degradação destacamos as queimadas, que tem acontecido anualmente geralmente no mês de junho, pela queda de balões em chamas.

A décima instalação, Silêncios Aninhados, eclode no topo da trilha, consistindo em cinco ninhos de arame farpado de diâmetros variados (20 a 30 cm), com ovos de gesso (de tamanhos diversos) em seu interior. Os ovos foram pintados com cores inspiradas nas espécies de pássaros da Mata Atlântica que habitavam o local, a fim de sensibilizar quanto à escassa presença da fauna, uma vez que este ponto é o local com maior ocorrência de avistamento de aves. Os ninhos são formados por uma “cama” de restos de arames farpados que foram encontrados na própria APAMC junto com capim seco, retirado da área degradada. Os arames são o registro das cercas da época da vacaria (anterior à criação da APA), constituindo também uma forma de representação histórica dos antigos usos deste ambiente.

Associado a um dos ninhos que compõem a instalação artística, foi colocado um sistema de um alto-falante mp3 para reproduzir o som dos pássaros que não são mais encontrados na região. Após cerca de cinco minutos de interação em silêncio dos visitantes com os ninhos, o canto dos pássaros faz com que eles sejam estimulados a procurar dentro dos ninhos e reconhecerem as espécies por suas cores e formas características. A gravação dos cantos dos pássaros é reproduzida de forma discreta (som baixo, sem ser anunciada), com a intenção de despertar os sentidos e as memórias afetivas, além de analisar se os visitantes conseguem reconhecer a presença de sons na floresta.

Podemos observar (na Figura 1) um ninho em que o arame é contínuo a uma estaca de madeira que apoiava esta cerca. A provocação é reflexiva, gerando uma sensação de desconforto quando espécie humana percebe seu impacto negativo nos demais elementos da fauna. No entanto, esta instalação possibilitou uma interação lúdica, e a presença do som aflorou a imaginação. Por exemplo, diversos visitantes tentaram encontrar o “ovo” que estava emitindo som. Este comportamento foi comum, e em alguns eventos as crianças encontraram o alto-falante. Esta instalação está no limite entre a área reflorestada e a degradada, onde é feito o plantio de mudas nativas de Mata Atlântica.

A pintura de cores e características morfológicas de pássaros da Mata Atlântica em ovos de cimento que possivelmente já habitaram este local foi inspirada a partir de uma busca por espécies extintas, assim como por avistamentos pelo município do Rio de Janeiro no wikiaves, entre o período de 2017 e 2018. Por exemplo, foram analisadas as famílias Estrildidae, Fringilidae, Cardinalidae, Thraupidae, Passerellidae, Turdidae, Tyrannidae, Rhynchocyclidae, Pipridae, Thamnophilidae, Picidae e Ramphastidae. No entanto, as cores, formatos e padronagens dos pássaros pesquisados foram apenas uma inspiração livre para a criação das pinturas nos ovos (Figuras 1 a 4).

Desta forma, antes de adentrar as próximas páginas sugerimos que se aproxime de um lugar aberto, seja uma janela, varanda, quintal ou rua onde possa ocorrer o som de pássaros ou até mesmo escute algum áudio de vocalização de fauna que desejar. Ao se sentir imerso nas suas memórias afetivas e sensações somáticas, te convidamos a percorrer abaixo o registro fotográfico da instalação estando atento às cores vívidas, aos formatos e tamanhos variados e se desejar, permitindo assim que os silêncios aninhados de sua floresta interna tomem o protagonismo desta imersão que está sendo proposta de outro modo, agora por aqui, à distância. Nessa experiência, pode-se tentar associar também quais pássaros te lembram as pinturas nos ovos, vendo as imagens abaixo em detalhe.



Figura 1. Instalação artística silêncios aninhados. Fonte: Lilaz Santos, 2019.



Figura 2. Instalação artística silêncios aninhados, em detalhe, parte 1. Fonte: Lilaz Santos, 2019.



Figura 3. Instalação artística silêncios aninhados, em detalhe, parte 2. Fonte: Lilaz Santos, 2019.



Figura 4. Instalação artística silêncios aninhados, em detalhe, parte 3. Fonte: Lilaz Santos, 2019.

Esta é uma proposta de adaptação para transmitir o que foi vivido antes presencialmente, ainda que parcialmente, na trilha Geopoética DOSSEL, agora por meio virtual, neste período de pandemia mundial pela Covid-19. Assim como a palavra DOSSEL transbordou todos os significados preexistentes para esta palavra, ousemos ao tentar transbordar as próprias palavras deste texto numa proposta de imersão somática à distância. Acreditamos que o dossel é um ser vivo, sendo nossa função pesquisar, analisar, registrar e porque não potencializar (sendo componentes desta teia) o que os fios desta teia entrelaçam nos seres humanos, gerando pertencimentos. Este processo tem grande potencial interdisciplinar para sensibilizar e promover a Conservação da Natureza.

Caso deseje compartilhar como estes fios perpassaram por sua leitura nossos contatos são @geotales (instagram) ou no email dossel.js@gmail.com.

Agradecimento

A produção desta instalação, assim como das demais que compõem a trilha DOSSEL foi desenvolvida por uma equipe interdisciplinar de voluntários, dentre eles: Pedro Santos, Valéria Neves, Luís Cláudio Santos, Ana Paula Lourenço, Ana Elisa Martinho, Henrique Mello, Lourrane Santos, Ana Caroline Vieira, Caio Santos, Guilherme Sant'ana, Clara de Lima Nascimento, Letícia de Lima Nascimento, Estela de Lima Nascimento, Maria Clara Oliveira, Leandro Pinheiro, Maria Luiza Oliveira, Júlia Mayer, Juliana Timbó, Brunna Ellen, Bruna Villares, Vitória Villela e Jyan Araujo. O que foi possível devido ao apoio do projeto pela família do Senhor Eduardo Carvalho, Sr. Romeu Cândido, Sra. Wanda Carvalho e Sra. Janaína Carvalho e dos veteranos do reflorestamento César Nascimento, Sebastião Cunho e Emilson Santos. Juntamente com a co-orientação de Bruno Simões e Guto Nóbrega. Sobretudo, agradecemos a equipe dos projetos de extensão GeoTales que atuou no desenvolvimento dos presentes resultados por meio do apoio do Programa Institucional de Bolsas de Extensão-PIBEX.

Referências Bibliográficas

- PONCIANO, L. C. M. O.; et al.. GEOPOÉTICA: A DIVULGAÇÃO DAS GEOCIÊNCIAS PELO REENCANTAMENTO DO E COM O MUNDO. In: IV Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico e II Encontro Luso-Brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Geoconservação, 2017, Ponta Grossa. Anais..., 2017, p. 21-25.
- REDFORD, K. H. The Empty Forest. *BioScience*, v. 42, n. 6, 412-422, 1992.
- SANTOS, L. B. M. D.O.S.S.E.L. Jardim Sulacap: geopoética e conservação da APA do Morro do Cachambi. Dissertação (Ecoturismo e Conservação), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. 211p.
- SANTOS, L. B. M.; PONCIANO, L. C. M. Interfaces entre ecoturismo e educação na APA do Morro do Cachambi, Jardim Sulacap, RJ. In: OLIVEIRA, M. A. S. A. O. Espaços sociais de formação educativa: turismo, escola, casa e cidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- SANTOS, L. B. M.; PONCIANO, L. C. M. Trilhando os próprios corpos sob o DOSSEL. *Ecoturismo & Conservação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 158-179, 2020.
- SANTOS, L. B. M.; SIMÕES, B. F. T.; PONCIANO, L. C. M. O. Ecoturismo e Conservação na Área de Proteção Ambiental do Morro do Cachambi, Rio de Janeiro: pela tessitura das vozes geopoéticas em trilhas. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v. 12, n. 5, p.653-684, 2019.
- WHITE, K. La Plateau del'Albatros: Introduction a La Geopoetique. Paris: Grasset et Fasquelle, 1998.